

Moradores de Taguatinga desprezam a idéia de viver em áreas nobres do Plano Piloto e constroem casas confortáveis perto do local de trabalho. Mansões de pé-direito alto, com sofisticados sistemas de segurança

Onde moram os chiques de Taguá

RACHEL LIBRELON
DA EQUIPE DO CORREIO

Eles esnobaram os lagos Sul e Norte, deram as costas para o Park Way e não estão nem aí para os condomínios de luxo que se multiplicam pelo Jardim Botânico. Com os primeiros milhares de reais para comprar uma casa confortável, algumas famílias que viram os filhos e os negócios crescerem em Taguatinga decidiram não abrir mão de morar no lugar onde conseguiram uma condição de vida melhor. Seja por amor ao local, seja pela proximidade com o trabalho, eles têm endereço certo: Setor de Mansões de Taguatinga (SMT). O local fica às margens da pista que separa a cidade de Samambaia, atrás do parque Saburo Onoyama.

Quem atravessa a avenida que dá acesso às mansões não acredita que depois de um comércio precário vendendo produtos pouco sofisticados estão fachadas que não deixam nada a desejar em relação a outros setores nobres do Distrito Federal. Com lotes medindo entre 500 e 3,2 mil metros quadrados, o limite para erguer a casa no SMT é a criatividade. Segundo a prefeitura comunitária, são 500 construções. Praticamente não há lotes vagos. Escadas suntuosas,

pés direitos muito altos, pisos em granito e decoração supervisionada por profissionais renomados fazem parte da realidade doméstica das belas casas. Completam o espaço do terreno que resta piscinas aquecidas, com cascatas ou hidromassagem, além de jardins cuidadosamente plantados, decorados com fontes e gazebos (pequena construção erguida em jardins e parques). Para proteger tudo isso, muros altos, cercas elétricas e portões trancados.

Morador de Taguatinga há 33 anos, o empresário Antônio Carlos de Aguiar, 49 anos, trocou o apartamento na QNJ por uma casa de 1,1 mil metros quadrados construídos em um lote com o dobro desse tamanho, em dezembro do ano passado. Ele adquiriu o terreno de dois proprietários, em 2001, por R\$ 150 mil, e não teve pressa de concluir a obra, cuidando para que tudo ficasse como o planejado. "O que eu paguei pelo lote na época dava para comprar três terrenos no Park Way", diz o dono de uma loja de material de construção que funciona no mesmo endereço na cidade há 28 anos.

Além da conveniência de morar a apenas 8 quilômetros do trabalho, Antônio Carlos faz questão de destacar que não

foi apenas a comodidade que o levou a optar por ficar em Taguatinga. "Eu amo essa cidade e sou correspondido. Em 2002, recebi aqui o título de Pioneiro Destaque, em 2003, fui reconhecido como Cidadão Honorário de Taguatinga e, no ano seguinte, como Cidadão de Brasília", conta com orgulho o cearense que chegou à capital em 1972 e foi morar na Vila Dimas.

Ele se gaba da tecnologia existente na casa. Com um controle remoto, pode acionar a cascata, a fonte, lâmpadas e os sprinklers para molhar a grama do jardim, planejado por uma paisagista. A mansão, onde mora com a mulher e dois filhos, tem cinco quartos, duas salas, uma cozinha enorme e duas empregadas. "Mas o que mais vale é o sossego. Aqui eu tenho paz", conta. De fato, é difícil ver alguém andando pelas ruas que dão acesso aos sobrados. Os únicos carros são os dos moradores que passam por ali no início e no final do dia, a caminho do trabalho e de casa.

sai de casa no final da tarde, já compra o pão para o café-da-manhã do dia seguinte. Ainda assim, ela não quer comércio por ali. "Vai tirar a nossa paz", afirma.

Condomínio fechado

Para evitar problemas de segurança, os moradores se cotizaram para construir um posto policial e a sede da prefeitura comunitária, e comprar um carro e uma moto destinados a fazer a ronda nas ruas. Há sempre dois policiais militares de plantão para atender ao bairro. Há dez anos, os assaltos assustavam quem vivia por ali. Hoje, eles garantem que esse tormento ficou para trás. "Há 15 anos, entraram na minha casa e levaram tudo. Depois disso, nada mais aconteceu", garante a moradora Solange Alves dos Santos.

Agora, os moradores que-

Há dois anos a família Botelho deixou uma casa espaçosa na QND para viver um pouco mais longe, mas com mais tranquilidade e conforto. Soraia, 44 anos, e o marido Fernando, 48, compraram o terreno de 1,25 mil metros quadrados bem antes do lugar se consolidar. Antes de começar as obras da casa de 700 metros quadrados, eles aguardaram alguns vizinhos construir e os dois filhos, Priscila, 19 anos e Renan, 22 anos, ficarem um pouco mais velhos. "Também deixamos para fazer a casa quando o dinheiro desse para fazer do jeitinho que a gente queria", explica. Além de uma piscina aquecida com um espaço para hidromassagem, jardim e churras-

queira, a família teve o cuidado de fazer um quarto adaptado para a irmã mais velha de Soraia, Mara Rubia Guimarães, 50, portadora de necessidades especiais

Apesar de ficar distante de qualquer padaria, farmácia, mercado ou restaurante, a nova casa ficou mais perto do supermercado da família, em Samambaia. Cada um tem o seu carro. "A gente vem em casa almoçar junto todo dia. Se fosse no Lago Sul, por exemplo, não dava. Uni o útil ao agradável", diz So-

raia. Para o marido, o mais importante é que no caminho para casa ninguém enfrenta congestionamentos, com exceção do filho mais velho, que estuda Administração na Universidade de Brasília. A filha sente falta do acesso ao comércio, mas não quer voltar para o endereço antigo. "O meu quarto aqui é bem maior", diz.

Terrenos três vezes mais baratos

O Setor de Mansões surgiu em meados da década de 80, para atender a uma reivindicação da Associação Comercial de Taguatinga, que reclamava por terrenos mais generosos para empresários construírem suas moradias. Começou com a venda parcelada de 288 lotes pela Terracap, que podiam ser divididos em até quatro. Segundo a prefeita comunitária há quatro anos e moradora do local há uma década, Nair Martins Ferreira, a renda *per capita* no bairro passa de R\$ 10 mil por mês.

De acordo com o vice-presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis do DF (Creci-DF), e corretor de imóveis em Taguatinga há 35 anos, Getúlio Romão, uma boa casa no Setor de Mansões de Taguatinga em um terreno de mil metros quadrados vale cerca de R\$ 350 mil. O terreno vazio chega a custar de R\$ 100 mil a R\$ 120 mil o metro quadrado. Barato, quando se compara aos preços praticados nas regiões mais centrais da cidade, onde o metro quadrado do terreno chega a valer R\$ 350 mil. "Mas os lotes no Setor de Mansões são muito maiores", comenta Romão.

Na década de 90, com a definição da poligonal de Samambaia, os terrenos que foram inicialmente vendidos como pertencentes a Taguatinga passaram a fazer parte da recém-criada administração, que recebeu no nome de Setor de Mansões Leste de Samambaia (SML). A mudança não agradou aos moradores. Ninguém queria ter uma grande casa em Samambaia. Depois de muito protesto, em 1996, uma lei devolveu a Taguatinga a sua parte nobre. Algumas casas ainda conservam placas com a sigla SML, e há quem reclame que as contas de luz ainda vêm com o endereço indesejado.

"Todo mundo ficou cons-

trangido com essa história de fazer parte de uma cidade que ainda estava em fase de implementação", recorda-se a bancária aposentada Solange Alves dos Santos, 43 anos, que há 18 mora no Setor de Mansões. A família pensou muito antes de vender todos os imóveis para comprar um terreno e construir um no local que estava apenas começando. "Isso aqui era só terra, com poucas casas e muito redemoinho", conta. Hoje, ela se sente privilegiada por ter resistido aos problemas e ficado no setor. Ela queixa-se apenas do isolamento. Dificilmente vê ou fala com os vizinhos. Quando

sai de casa no final da tarde, já compra o pão para o café-da-manhã do dia seguinte. Ainda assim, ela não quer comércio por ali. "Vai tirar a nossa paz", afirma.

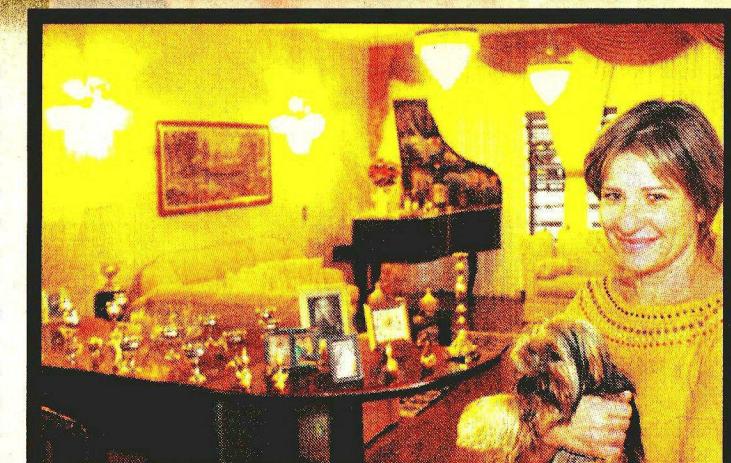
Condomínio fechado

Para evitar problemas de segurança, os moradores se cotizaram para construir um posto policial e a sede da prefeitura comunitária, e comprar um carro e uma moto destinados a fazer a ronda nas ruas. Há sempre dois policiais militares de plantão para atender ao bairro. Há dez anos, os assaltos assustavam quem vivia por ali. Hoje, eles garantem que esse tormento ficou para trás. "Há 15 anos, entraram na minha casa e levaram tudo. Depois disso, nada mais aconteceu", garante a moradora Solange Alves dos Santos.

Agora, os moradores que-



EMPRESÁRIO ANTÔNIO CARLOS AGUIAR: CONFORTO E AMOR PELA CIDADE



A BANCÁRIA SOLANGE SANTOS: DO MEDO INICIAL À SATISFAÇÃO PLENA



FERNANDO E SORAYA BOTELHO, COM OS FILHOS PRISCILLA (DE BRANCO), RENAN (DE CAMISETA PRETA) E A TIA MARA RUBIA, NA CADEIRA DE RODAS: ESPERA PARA CONSTRUIR A CASA SONHADA